



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

CORPOS DISSIDENTES NA ENCRUZILHADA: O ENCONTRO POÉTICO COM MULHERES TRANS, TRAVESTIS E PROFISSIONAIS DO SEXO.

Sidney Leandro de Oliveira; Prof. Dr. Fernando Marques Camargo Ferraz.

Escola de Dança/PPGDança – Universidade Federal da Bahia; Bolsista demanda social Capes, sidneytanztheather@hotmail.com; fernandoferraz@hotmail.com.

Resumo: Neste artigo apresento um estudo em cruzo entre a investigação-criativa na dança e os percursos de corpos dissidentes, perante questões dos modos das Materialidades corporais Performativas dos gêneros e sexualidades e em atravessamento com os aspectos simbólico-conceituais em Exu. Averiguo criticamente fazeres das criações artísticas que incidem em desobediências aos absolutismos no poder, e que regulam por meio de normatizações os modos de estar em vida. Esse estudo criativo vem se efetivando a medida das realizações de encontros/interloquções com Mulheres Trans, Travestis e as que estão profissionais do sexo, da grande Aracaju – Se, e nos laboratórios de criações artísticas, em meio a inscitos que percorrem a participação observante. Portanto proponho uma construção de conhecimento sobre criação em dança, através do jogo de relações com as diferenças no encontro.

Palavras-Chaves: Dança. Dissidências. Encruzilhadas. Gêneros. Sexualidades.

INTRODUÇÃO:

O que danço? Como danço? Com quem eu danço? O meu dançar vem gargalhando e transbordando em desejos. Vem se recriando numa busca por novos lugares e continuidades transgressivas.

Nesses percursos criativos em “cruzo” (Luiz Simas e Luiz Rufino, 2018), tenho firmado como foco a investigação-criativa em dança e percursos de “corpos dissidentes” (Domenico Hur, 2015) perante os modos das “Materialidades corporais” Performativas dos gêneros e sexualidades (Judith Butler, 2013). Reflito sobre os sentidos do criar em vida e na dança com atravessamentos nos aspectos simbólico-conceituais em Exu

(Alexandre Fernandes, 2013; Antonio Risério, 2007), averiguando criticamente os próprios fazeres nas criações artísticas.

Estudo que vem se efetivando a medida das realizações de encontros/interloquções com Mulheres Trans, Travestis e as que estão Profissionais do sexo, da grande Aracaju em Sergipe.

Percurso e entrelaçamentos firmados por meio de travessias poéticas, que revisitam memórias do suor, dos gestos e movimentos, dos gostos e gozos estéticos vividos no dançar, e do emergir das relações interpessoais.

De tempos em tempos, modos de descrever e significar, que pesam sobre



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

nossas existências, nos desfavorece como sujeitos. Firmam-se como ideias higienistas, muitas vezes ligadas e mobilizadas pelos ambientes e doutrinas das tradições Cristãs, as quais nos declaram como pecaminosos e promíscuos. Têm em princípios autoritários, certos interesses em nos dominar, doutrinar e aprisionar-nos por entre sentidos negativados ao olharem nossas performances e materialidades corporais.

Por ventura, também estamos em meio a um período histórico-sócio-político neste âmbito nacional brasileiro repleto por densas tensões, muitas manipulações, e controle.

Uma vez que, também o Brasil, esta revirando de mudanças culturais, as quais envoltas por choques e atritos, ocorrendo conforme as frentes reacionárias dos grupos de pessoas aproximadas de atitudes-pensamentos conservadores. Desta forma tem-se gerado vários casos de mortes físicas, tanto quanto sensíveis. Alarga-se pelos fervores dos preconceitos, escancarados através de discursos de ódio sobre os Gêneros, Sexos e Sexualidades, e sobre as materialidades performativas, que reiteradas são reguladas pelas monstruosas heteronormatividade e cisnormatividade (BUTLER, 2013).

Assim sigo neste escrito com o objetivo de discutir sobre os pontos riscados nas encruzadas da criação em dança, apontando as possibilidades estéticas emergidas. Para tal feita vislumbro as materialidades dos enredos

corpóreos vividos nos espaços já gozados em danças e tramas de movimentos-gestos-voz, sejam nos projetos já demarcados em composições, e os que junto a esses percorrem em devir nas experiências laboratoriais.

MÉTODOS DE UM PERCURSO ENCRUZILHADO:

Este trajeto vem se realizando a partir das propostas de pesquisa/participação, prática de criação artística e análise das experiências com própria implicação na realização, tendo como um ápice para o seu processo de criação a sua apresentação para os interlocutores como parte inerente do sentido do encontro poético, a fim de uma análise sobre as configurações dos afetos e críticas.

Assim, tenho-me debruçado a um proceder com o método de coletas de dados “autoetnográficos”, que para Sylvie Fortyn (2009) “se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si.” (pág. 83) perpassando por detalhamentos que descrevem e refletem as imersões dos encontros com os interlocutores e a prática artística em “observação participante” (idem, pág. 04).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Também tenho firmado as práticas nos laboratórios de criação com a improvisação em dança, em que como um método, situado nas palavras de Patrícia Leal (2009), que a considera como “[...] técnicas que integram preparação corporal, interpretação e criação”, (p. 46), e afirma que esses caracteres na improvisação evidenciam proeminências de composições diferenciadas conforme cada momento e aplicação de estímulos (idem) selecionados e organizados com as idas ao campo.

Então neste artigo focalizo os momentos já vividos no processo de criação demandando reflexões com as experiências de criar “por meio do ser”, que é “[...] Dar expressão àquilo que o corpo experimenta [...]. Dá forma a partir do que sente e expressa pela significação simbólica que atribui ao sentimento.” (LEAL, 2009, p. 11)

De fato os inscritos em olhar participativo no acontecimento das relações do campo e criação, estão sendo visualizados como dados, como “informações parciais” a serem somadas com os outros elementos coletados diretamente (FORTYN, 2009, pág. 81). O processo de criação artística tem sido filmado, e com o término de cada momento, tenho realizado os registros no diário de bordo.

Todavia esses percursos vêm ocorrendo desde os processos e metodologias dos estudos criativos das

danças nas culturas de nossos Brasis, em específicas manifestações afro-ameríndias de Sergipe e nos estudos contemporâneos em danças, os mesmos realizados junto às disciplinas da Licenciatura em dança/UFS, e também com os Projetos de Extensão: Aldeia Mangue e GDP – Grupo de Dança e Performance; entre as unidades de Aracaju, São Cristóvão e Laranjeiras em Sergipe.

Esses emaranhamentos processuais têm provido subsídios reflexivos em perspectiva de “cruzo”, o qual “[...] possui táticas que operam esculhambando as normatizações [...]”, e a promover o “[...] tom inacabado, ambivalente, diverso dos conhecimentos existentes [...]”, e como “[...] perspectiva teórico-metodológica assentada nos complexos saberes das macumbas brasileiras [...] tenciona problematizações a cerca das justiça cognitivas e sociais.” (SIMAS e RUFINO, 2018, pág. 22 a 26).

E neste ensaio crítico tenho como ponto de partida olhares aos processos criativos já ocorridos. Porém, estando como um caminhar em feitoria de participação em campo e com pontualidade artístico-escrita em modo qualitativo, com revisões e discussões de literaturas, enquanto um “pesquisador cambono” aberto a bailar e compondo riscos por entre estados de proezas, desventuras, desejos e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

gozos de encontros/desencontros (SIMAS; RUFINO, 2018).

PASSAGENS E PERCEPÇÕES CRIATIVAS:

“Quem disse? Quem disse que eu não posso? Um diacho? Um diacho de um homem?”

(Aldeia Mangue - Chamem Todas as Marias, 2017).

Pois bem, tenho olhado a vida, e o seu trânsito com a Arte. Entre curvas e sinuosidades no percurso desse meu dançar, que no qual venho me relacionando com a produção de saberes em Dança mergulhando em modos complexos, dinâmicos e sensíveis. Estão até as fronteiras destes tempos presentes como bailares que trazem propostas e indagações sobre o criar expressão nessas relações do viver.

Destarte, tenho me encontrado riscando pontos de possibilidades por esses caminhos atravessados, tanto quanto cheios de encantamentos. Um processo criativo de desordem entre normas, que cujas leis instauradas com as normatividades, em prescrições falocráticas, que têm em processos de reiteração das “materialidades dos corpos”, excluído e mortificado realidades diferentes de expressão, gozo e organização da vida (BUTLER, 2013). Um abuso radicalizado de tempos em tempos.

BUTLER (2013) provocando-me a reflexões aponta sobre a “categoria do sexo” dizendo-a como normativa, e que “[...] não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, [...]” e que estar a “[...] demarcar, fazer circular, diferenciar – os corpos que ela controla.” (pág. 153 e 154)

E assim tenho percebido também em um próprio processo de maturação, ao olhar as abjeções instauradas pelo poder produtor das realidades corpóreas. E que, todavia estando em processos de controles sociais legitimados por binarismos, priorizando expressões dos sujeitos em masculinos ou femininos, indicados pelas matérias dos órgãos sexuais (BUTLER, 2013).

Não nos conformamos frente às imposições nestes processos de reiterações, mas digo em pesar, que boa parte de nós, estamos localizados entre becos e vielas, no silêncio da noite. Atormentados pela violência pouco podemos serrar nossos afetos e expressões livremente.

Tenho passado a compreender por meio dos inscritos de BUTLER (2013), quando ela se pronuncia a cerca dos limites discursivos do sexo e os corpos que pesam, no processo de reiteração das materialidades performativas dos corpos,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

como uma construção de tensões encruzilhadas (SIMAS e RUFINO, 2018, pág. 09) nas relações sociais do indivíduo e o seu meio. A mesma autora diz também que a construção em processos de reiterações das materialidades “[...] não deve ser compreendida como um “ato” deliberado [...]” (BUTLER, 2013, pág. 154), o que proponho ao ler SIMAS e RUFINO (2018) como ocorrido no entre das forças cruzadas, nos percursos dos acontecimentos contextuais dos caminhos expressivos e afetuosos na vida.

Ao visualizar o processo de reiteração das “materialidades dos corpos” (BUTLER, 2013) ao passo dos sentidos, contornos e demarcações insurgente nas encruzilhadas, penso “como potência de mundo” que está diretamente ligada ao que SIMAS e RUFINO chamam de culturas de síncope. “Elas só são possíveis onde à vida seja percebida a partir da ideia dos cruzamentos de caminhos.” (pág. 19).

A Síncope retrata às lidas da vida, e emerge “[...] contra a tendência de normatização e planificação dos modos de ser.” (SIMAS e RUFINO, 2018, pág. 19). Dodi Leal (2018) expressa uma dessas tendências em que “Objetas e abjetas, as corporalidades dissidentes e desobedientes ganham com o termo “diversidade” a higienização necessária para se inserirem eficientemente nos meios de produção e consumo do capital.” (pág. 30).

Por tanto uma tendência cristalizadora de modos e representatividades, a serem direcionadas em ideal de consumo a contextos populares. Entre tanto somos parte da grande parcela da população em território nacional, em que cada sujeito possui uma fatia mínima de renda financeira no país.

São formas de poder que excluem os sentidos expansivos dos gêneros e sexualidades em suas variáveis performances. Os quais estão dentro de protuberâncias de um sistema colonizador no educar, assumidos em proeminências do controle e consumo que se autorizam a aprovar quem deve, como, quando e por onde viver e se expressar. Pontuam-se como exemplo as siglas designatórias dos gêneros e sexualidades disseminadas entre os meios sociais, como um desses possíveis mecanismos de exclusão, pelo controle e consumo capitalista (LEAL, 2018, pág. 31 e 32).

Nas frestas desses interditos, a síncope enquanto culturas emergidas por sentidos incógnitos, pela dúvida do percurso, esta para as subversões dos ritmos e premissas que se fazem constantes nas ordens instauradas. Por ventura elas riscam na vida a possibilidade de potência as surdinas, aos becos e espaços das relações dos seres impetrados ao silêncio no âmbito



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de suas expressões sensíveis, e aos apagamentos das subjetividades tornadas em abjeção.

Esses modos culturais possibilitam a rasura da “[...] pretensa universalidade do cânone ocidental.” (SIMAS e RUFINO, 2018, pág. 19). Esse sendo como um modo estrutural situado no “paradigma judaico-cristão”, que se faz na premissa de uma divindade que não espelha os modos humanos de estar na corrente e pulsante vida (RISÉRIO, 2007). Esta universalidade Penetra o tempo e espaços de nossas historicidades como uma verdade absoluta, e imposta num olhar unilateral ao diferente, dessa forma obrigando a medida de seus discursos cartesianos e moralizantes que todos os indivíduos em suas diferenças devem ser convertidos, e que devem estar por baixo da tutela de sua verdade absoluta.

Podemos perceber também que as heteronormatividades, cisnormatividades e monossexualidades, encabeçadas dentro dessa ideologia universalista de higienização e controle de nossos corpos, podem ser identificadas como fatores que cristalizam as possibilidades de existir com outras premissas performativas dentro das condições dos caminhos expressivos.

Mas, contudo essas leis regulatórias são perturbadas no íterim de suas

regulações e se desestabilizam conforme a emergência das dissidências corporais em desobediência aos modos constituídos (BUTLER, 2013). Desobedecer é preciso para o viver, e no compartilhamento das relações cotidianas com essas culturas sigo em criação, em transgressão a estas imposições.

Nesses percursos desobedientes me aproximo de HUR (2015) quando o mesmo aponta sobre “corpos dissidentes” como operacionalizados por subjetivações desobedientes, traçadas em fronteiras de experimentações dos certames existenciais dos códigos disciplinares e capitalismo hipertrofiados; declara como “[...] simulacros corporais, corpos nômades, que trafegam e viajam a pontos não determinados, traçando linhas de fuga e dissidentes frente aos imperativos sociais.” (pág. 10). Na contramão de alguns ditames vivo, e venho por razões criativas e estéticas atravessando encontros com corpos dissidentes em um transitar com limites não delimitados, mas em constantes experimentações. Transições no amar, gozar e estar em expressão na arte vida.

Nesse percurso de criação em Dança declarado como uma construção de estados, materialidades corporais e saberes transgêneros assumidos nas encruzilhadas, no atravessamento de mundos, e como encontros abarcados por fricções



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

subjetivas, por “processos de recepção” (Leal 2018) e reiteração significativa entre as percepções estéticas, as leis regulatórias e os desejos, como uma experiência transgênera em que LEAL (2018) nos diz como “[...] cada vez mais compreendida como sendo da ordem da performatividade em fricção com os processos de recepção [...] de um lado, e as leituras de gênero, de outro, [...]” em “[...] que se dá a ocorrência de mecanismos estéticos nos quais a corporalidade desenha o espaço em contornos de gênero.” (pág. 28)

O que propõe confirmar, como também com BUTLER (2013) que no acontecimento da vida as forças estéticas das materialidades em relações nos acontecimentos dos ajuntamentos sociais, não se completam em perspectivas unilaterais de construção: que só sujeito escolhe; ou que só as leis regulatórias imprimem a realidade do mesmo; ou que só as constâncias do naturalismo se impõem em primazia.

Estes autores sustentam pensar que forças se interacionam num embate de caminhos encruzilhados, com seus contornos expressivos e seus orgasmos, em continuidades onde o hoje é extrapolado por borrões partilhados entre percursos e historicidades emergentes e inacabadas.

TRAVESSIAS E GOZOS NA CRIAÇÃO EM DANÇA:

Venho andando por entre caminhos, ruas e estradas, às vezes encontrando outras, e em momentos retomando esquinas passadas. Chego, mas logo estou de partida, e também vou chegando a outras; e neste presente, que em espaços-tempos escorrem por entre os dedos de minhas memórias, eu procuro não mais recuar a chances latentes de me promiscuir entre novas possibilidades, que são deveras diversas, no conhecer em dança.

Vivendo estou, em esquinas, encruzilhadas de prazeres, dores e desejos em meio a criações. Essas vividas desde a Graduação em Dança, com os Mestres, amigos e demais pares na Universidade Federal de Sergipe.

Tenho nesse espaço de formação de Professores de Dança, um dos possíveis inícios de proposições críticas, com a arte do dançar. Pois que, por ela venho indagando modos duros, em minha própria existência, tanto quanto os construídos socialmente pelas Escolas e as instituições Religiosas ligadas de algum modo a aspectos ideológicos do Cristianismo, não que eu o veja como totalmente negativo.

Venho me refazendo com a arte no dançar por meio do traduzir



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cosmopolitamente os fatos vividos com os contextos afro-ameríndios, e, principalmente com os contos e danças dos orixás, processo vigorado a partir do reconhecimento de nossas invisibilidades diante dos cárceres das monoculturas legitimadas pelo pensar ocidentalizado, colonizador (María Corvalán, 2012, pág. 12)

Dentro deste período comecei a participar do projeto de extensão Aldeia Mangue/UFS, instituído a parti das experiências criativas de disciplinas na estrutura curricular do curso noturno, que se encontra em extinção; propiciaram o estudo das culturas brasileiras, Afro-ameríndias e as danças da tradição sergipana. Mas, contudo é nas experiências de campo e laboratórios do Projeto de Extensão Aldeia Mangue (2016-2017)/UFS que reitera-se corporalmente uma possibilidade investigativa performaticamente lasciva. É uma galinha? Galo? Um homem? Mulher? A força expressa no contato com outros participantes na experiência, perante o que viam, gerou esses questionamentos. Algo expresso nas falas que parece remontar a regulação normativa do que seria o feminino, se não machistamente só representado pela leveza.

Foto 01 - Chamem Todas as Marias – Aldeia Mangue/UFS 2017/FASC.



Foto: Profª. Msc. Ana Carolina Frinhani, 2017.

Esse espetáculo¹ (**Foto 01**) foi construído através de processos de recepções estéticas em experiências com as culturas afro-ameríndias no estado de Sergipe e Pernambuco, e reiteradas corporalmente em cruço e por aspectos de fricção subjetiva na experiência de criação nos laboratórios com próprias histórias de vida, e familiares próximos.

Poeticamente compõe as lidas e vidas dos abusos sofridos na história de mulheres e corpos masculinos atravessados em performances transgêneros. Erradicam no acontecimento cênico dores, desejos e infelicidades cometidos através dos modos falocráticos de perceber, de estar e sujeitar o próximo no ardo diário dos relacionamentos. Abusos simbólicos,

¹ Mediação experimental e direção Prof. Msc. Bianca Bazzo Rodrigues/UFS.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

físicos, sexuais e etc. Evocamos todas as Marias friccionadas pelos gozos e choros. Chamamos das Virgens, das Dores, Padilha, Eulália, a Maria dadeira, Tomba-homem, e outras.

Elas doces, sonsas, e as impuras, tanto quanto as desajeitadas, descem em estripulias rodopiantes de uma galinha-galo (**Foto 02**). Elas vêm por baixo de sua saia, quando esta vem de lá do alto da serra, da serra da Sepocoia, com seu encanto nefasto e encruzilhado por plurais promiscuidades nos saberes da vida. Dançamos encruzadxs performativamente com percepções friccionadas afetivamente com relances dos processos de recepção as materialidades corporais performativas de animais e ancestralidades afro-ameríndias.

Foto 02: Chamem Todas as Marias – Aldeia Mangue/UFS Encontro Egressos do curso Licenciatura em Dança/UFS 2018.



Foto: Sara Sulovon, 2018.

As nuances de minha particularidade se deram fortemente por um encontro não sistematizado com os temas, tramas e

símbolos erigidos complexamente dinâmicos nessa performance. Um olhar a Exu, principalmente ao seu “corpus” (FERNANDES, 2013), aos textos simbólicos, conceituais e performativos, que me fisgaram sensivelmente, por seus sentidos ligados as energias sexuais.

Nesse transcurso me inquirir ao encontro com a rua em seus aspectos noturnos, e venho estando emaranhado perceptivelmente com as belas e dignas travestis profissionais do sexo nas esquinas do centro da cidade, em Aracaju - Se.

Encontro-me estando nestes dançares cruzado por perspectivas de mudo, do estar homem, mulher, animal, galinha e galo e sentindo-me espiralado por apontamentos poéticos com percepções dos encontros em cruzamento na criação. Uma experiência em Transformação complexa e dinâmica entre símbolos, sentidos e significados em recepção e fricção com os dogmatismos universalizados no trato aos corpos, gêneros e sexualidades (LEAL, 2018; RISÉRIO, 2007; SIMAS e RUFINO, 2018).

Encontro-me com questões simbólicas e conceituais de “corpo/corpus” (FERNANDES, 2013), em exu, vislumbrando na criação, um processo em reiteração de materialidades do corpo (BUTLER, 2013) e imaginário estético sensível, ao passo dos fazeres nos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

laboratórios de experimentação, do dançar, e das existências cotidianas. Tem sido possível reverenciar e encarar olhares a Exu como “princípio dinâmico fundamental a todo e qualquer ato criativo.” (SIMAS e RUFINO, 2018, pág. 09), cujos sentidos percorrem nesta trama estética em movimentos de continuidades-descontinuidades, expande-se entre variáveis possíveis de saber, de relações, interatividades (idem) e complexidades no movimento, no gesto, na dança.

Estando em passagem contínuas no centro da cidade de Aracaju – Se, no ano de 2017, no período final de composição do espetáculo Chamem todas as Marias. Passagens que nos seus inícios não se traduziam para reflexos na pesquisa artista; acredito que a curiosidade, boa ou má me mobilizava sensivelmente a algo que não tinha noção. Nessas tramas de encontros em passagens, puderam ser tecidas algumas relações de contato, simples, mas que puderam fazer possíveis muitas sensações, falas, olhares e modos de corpo em interação.

Elas sempre bem dispostas com suas roupas e a tomar a atenção de quem passava. Eram roupas curtas, e desenhavam a sinuosidade de seus corpos; às vezes eram bem decotadas. Em dias, e períodos diferentes vi duas delas, estando

com seus belos e às vezes volumosos peitos expostos. Provocantes eram seus olhares nas ocasiões em que estive passando.

Quase sempre com seus saltos, possibilitavam um imenso estado de contemplação e excitação sensível. Também da forma como olhavam, com expressão facial em tipo sensual, convidativa, e com trocas de olhares para o próprio corpo e para mim, ou para outros que faziam passagem: a pé; a bike; ou a carro. Os que estavam nos automóveis, elas procuravam realizar o máximo possível de provocações, chamando de gostoso, replicando “psiu” (s), e esbanjando-se em desfiles pelas calçadas, estando muitas com a bunda empinada, ou seja, quase sempre vista com o acionamento da hiperlordose.

Certa feita de passagens a essas ruas, me deparo com uma Performance; a observei com muita impressão. Lá estava uma das profissionais, em baixo de uma árvore ao som de Devinho Novais, sua bolsa estava pendurada na árvore, e ela ouvindo música, através de um pequeno aparelho de som.

Toda sensual, ela movimentava o seu quadril, com balanços constantes de seus grandes seios, e com seus cotovelos abduzidos em 30º graus; com os braços e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mãos flexionados, e no uso comum na região de Sergipe, mãos desmunhecadas. As mãos estavam alinhadas com os ombros, mas com o balanço do corpo por completo eram vistas em mudanças de aumento e diminuição da altura e do alinhamento. A cabeça seguia a expressão do corpo, e seus olhares sempre de sedução, parecendo semiabertos ou até fechados; a boca seguia às vezes movimentando em cantos ou realizando leves e pequenos movimentos de mordidas em seus lábios.

Muitas interagiam comigo, com sorrisos, ou até expondo em fala características vista em mim, como por exemplo, as expressões: “cabeludo” e “ele têm o cabelo igual ao meu”. Em outro dia passando por outra região bem deserta a noite, encontrei duas Travestis em uma esquina próxima ao mercado de artesanato, e entre trocas de olhares, uma se despeitou para mim, chacoalhando a articulação do ombro e seus seios me chamando em expressão vocal “vamos fumar uma maconha”, e também com o gesto em mimica do polegar e indicador próximos um do outro, e com a mão balançando em sentido anterior próximo a boca e com o braço flexionado.

Com esses encontros tenho seguido crítico-sensivelmente com realizações em

tom de prováveis dissidências dos sentidos de reprodução em cópia, e que atravessam as memórias desses fluxos vividos, e dos modos expressos em estereotípias e olhares-attitudes que digam dizem nossos corpos, em suas expressões performáticas, como inferiores, de baixos escalões. Significados que nos dizem como indignos de nos legitimarmos, com nossas próprias materialidades corpóreas em diferenças, e sendo nelas, atravessadxs por variados aspectos dentre as sexualidades, os gêneros e as libidos corporais.

Também tenho me tornado atento a todos os riscos desse percurso, principalmente ao que se refere aos meus modos de percebê-las. Corro o risco lançando-me nessa encruza de alteridades, me mobilizo então com menos foco na ideia de entendê-las, mais sim com folego a compartilhar vivências (SIMAS e RUFINO, 2018, pág. 19).

CONTINUIDADES CRUZADAS:

Sussurros, raiva e gritos são marcas latentes nos laboratórios de criação desta proposta. Grita-se com a dor, com as mortes impostas às subjetividades no limiar de se legitimarem nas encruzilhadas. Grita-se entre sussurros e bradares estridentes: “vocês me mataram na encruzilhada”. Vibra-se por vidas não



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

aceitas e esquadrejadas a pedras, facas, tiros e mordanças doutrinárias.

Vivo a trama sensual dos plurais corpos negativados no cruzo em gozo, libido e desejo criativo na vida. Perpasso dramas de um corpo assombrado por vozes de opressão, que o amordaçam, tragando-o impositivamente. Ouve-se nas tramas culpas herdadas por esses fantasmas inquisitórios: “Viado de menino que fica vendo essas porra / fica vendo essas putaria!/ Diacho de menino que fica atrás de pica, de paus”.

Na via da alteridade “[...] Ao se conectar com as forças do impessoal, [...]” como lugar de potência, fricção de mundos e olhares em recepção recíproca, em que o corpo “se desprende de sua identidade e se abre para a criação de novos contornos, experimentando, assim, gestos de mundo e novos modos de existir.” (MOEHLECKE e FONSECA, 2005, p. 48; LEAL, 2018).

Nesse percurso tenho me refeito expressivamente interseccionado com as materialidades desses espaçamentos abjetos nas relações. Transformando-me por uma amarração poética, em proposta dinâmica, complexa e continuada, em trânsito, e se remanejando nesse fluxo com aparatos estéticos e organizativos diferentes no dançar, conforme os momentos e temáticas atravessadas.

Esta proposta tem incidido a destrinchar recortes reflexivos que problematizem o discurso da doutrinação, da amputação dos desejos e erótico, a possibilidade da existência de dissenções, cisões de normas em relação às expressões e percepções dos sentidos corporais com os gêneros e as sexualidades ao dançar-viver.

Nessas experimentações firmadas na corrente pesquisa/PPDDANÇA-UFBA tenho tido como estímulo à musicalidade do álbum Gira do grupo Metá Metá e a exploração cantada e falada da música infantil evangélica “Cuidado olhinho o que olha”. Uma letra muito executada, expressada e sentida, em espaços religiosos, da infância a adolescência, e pode exprime parte do ato de vigilância regulatória sobre os corpos nas viabilidades dos órgãos dos sentidos.

Os tenho para degustações exploratórias de possibilidades, e com eles venho cavando desenhos sonoros no movimento dançado. Somam-se também as memórias do encontro com as Travestis, como “[...] um corpo que procura ultrapassar-se, buscando sua potência e sua multiplicidade nas forças de um novo tempo, o tempo que rege as intensidades do Impessoal [...]” (MOEHLECKE e FONSECA, 2005, p. 48).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Como podemos observar no registro em foto que segue (**Foto 03**), em que no experimento, rebolados e giros acontecem pelo espaço, em desfiles esbanjando sensualidade ao explorar as diagonais, partindo então da memória das passagens e flertes com as profissionais travestis no centro de Aracaju - Se.

Nesses laboratórios a direção diagonal, muito explorada, propícia olhar desenhos ondulados e chicoteados na expressão. Indica olhar como possibilidade, um desenho compositivo da percepção-sensação-ação que encarna por razões tridimensionais, e mais, de transbordamentos, uma rasura existencial das planificações binárias impostas ao corpo e suas relações no espaço.

Foto 02 – Registro Laboratório



Foto: Daiane Nonato, 2018.

Nessas condições experimentais, os temas conceituais em Exu, como criação

em propriedade de comunicação, tradução e interpretação está como força inventiva que provoca embaraços na vida, e se recria como multiplicidade, como força que reitera novos modos de ser conforme os contextos, (FERNANDES, 2013). “Exu, assim posto, é vida criativa, é vontade de potência [...]” (idem, 2013 p. 06), é assim, sem negar a dor como parte do processo do desenvolvimento e crescimento do Ser na existência. É assim em paráfrase o falo que direciona o futuro, contradizendo e reafirmando o passado em outras perspectivas e aceitações.

CONCLUSÕES

Que a dinâmica da vida, que se rompe em contínuo movimento no bojo de nossas condições e reiterações subjetivas, nos proponha a percebermo-nos, a dançar, e rasgar as temporalidades impostas, marcadas e cravadas como únicos lugares de honra e respeito;

Que continuemos a nos reinventarmos nas frestas das perspectivas dançadas. Prossigamos em novos passos, em polirritmia, como subversão aos binarismos, convenções e absolutismos opressores, os quais direcionados as nossas subjetividades desobedientes; aos nossos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

orgasmos, deleites e prazeres estéticos em nossas materialidades corporais.

Que não revidemos mais ao encontro, vibrando nas esquinas e encruzilhadas através do jogo em escuta e gíngua, firmando-se nas relações diárias como diferenças plurais validas, nos encontros, risos, estranhamentos e gargalhadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: Sobre os limites discursivo dos “sexo”** in: Corpo educado: pedagogias da sexualidade/Guaiacira Lopes Louro (organizadora) tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013, 2013. 176p.

CORVALÁN, María Laura. **Uma proposta Cosmopolita para traduzir as Danças Mitológicas dos Orixás** In: Anda, 2012.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. **Um Corpo/Corpus para Exu: Nem Eros, nem Tânatos, nem Apolo, nem Dionísio.** Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES). n. 21, 2013.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da Etnografia e da Auto-**

etnografia para a pesquisa na prática artística. In: Revista Cena. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – Instituto de Artes da UFRGS, n.7, 2009.

LEAL, Patrícia Garcia. **Amargo Perfume: a dança pelos sentidos.** / Patrícia Garcia Leal. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.

LEAL, D. Iluminação cênica e desobediências de gênero. **Revista Aspas**, v. 8, n. 1, p. 24-40, 16 ago. 2018.

MOEHLECKE, V.; FONSECA, T.M.G. **Da dança e do devir: o corpo no regime do sutil.** Revista Departamento de Psicologia. UFF (Niterói), V. 17, N. 1, jan/jun. 2005.

RISÉRIO, Antonio. **Presença de Exu** in: A utopia brasileira e os movimentos negros/Antonio Risério. – São Paulo: Ed. 34, 2007. 440 p.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato, a Ciência Encantada das Macumbas/** Luiz Antonio Simas; Luiz Rufino. 1. Ed. Rio de Janeiro: Móruloa, 2018. 124 p.

HUR, Domenico. **Corpocapital: códigos, axiomática e corpos dissidentes.** Lugar Comum. 45. p 232-245, 2015.